



**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**Cinemateca Júnior**  
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

**MUDOS CURTOS AO PIANO**

por Catherine Morisseau

Duração total da projeção: 73 min | legendado em português | M/6

**THE TRAMP | O Vagabundo, 1915**

de Charles Chaplin

com Charles Chaplin, Edna Purviance, Bud Jamison, Lloyd Bacon  
Estados Unidos, 1915 – 26 min

**ONE WEEK | “Uma Semana”, 1920**

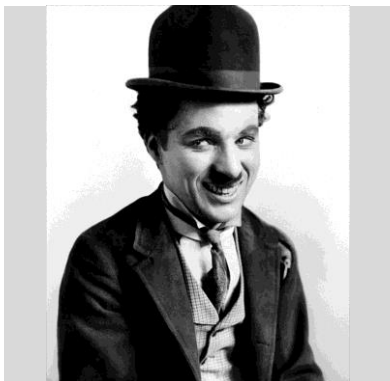
de Buster Keaton, Edward F. Cline (Eddie Cline)

com Buster Keaton, Sybil Seely, Joe Roberts  
Estados Unidos, 1920 – 25 min

**I DO | Sim, Aceito!, 1921**

de Hal Roach

com Harold Lloyd, Mildred Davis, Noah Young  
Estados Unidos, 1921 – 22 min



Todos os grandes realizadores/atores do cinema cómico mudo aprenderam a fazer cinema em dezenas de filmes curtos, antes de passarem aos filmes longos que os celebrizaram. Hoje vamos mostrar três dessas curtas-metragens, cada uma delas do início da carreira de três estrelas do género: Charles Chaplin, Buster Keaton e Harold Lloyd, claro. *THE TRAMP* (de 1915) é um marco na obra de Chaplin, considerado o primeiro grande filme de Charlot, no qual a sua personagem do vagabundo passa de "joguete inconsciente das catástrofes a um homem que se opõe, luta, vive" (Jean Mitry). *ONE WEEK* (1920) é a primeira curta que Buster Keaton reconhecia como verdadeiramente sua e um dos seus filmes mais notáveis; o herói recebe de presente de casamento uma casa pré-fabricada, que deveria construir segundo a ordem indicada nas caixas, não fosse o seu rival trocar a ordem das mesmas... Em *I DO* (1921), Harold Lloyd é o habitual rapaz simpático de óculos, desta vez recém-casado (a rapariga é Mildred Davis, que na vida real se casou com Lloyd pouco depois, e permaneceram casados até à morte desta em 1969). Ambos aceitam tomar conta de dois adoráveis sobrinhos, o que se revela uma tarefa bem mais difícil do que esperavam.

**The Tramp** é, a rigor, o primeiro grande Charlot. O começo é um duplo sinal. Por um lado, ele aparece já de uma forma diferente que anuncia as suas aparições nas obras-primas futuras: vem de parte nenhuma, com o seu aspeto de vagabundo. Por outro lado, traz consigo ainda as marcas do burlesco a que nos habituara, com as peripécias à volta da bolsa de Edna e a luta contra os ladrões. Mas toda a construção do resto do filme obedece já a outras regras: Charlot trabalha (mesmo que à sua maneira!) na quinta do pai de Edna e a relação entre o vagabundo e a rapariga toma um aspeto romântico, que o leva a defender a casa do assalto dos ladrões como se sua fosse. Charlot começa a perder o ar «mecânico» para tomar consciência de si mesmo e da sua situação humana. O final introduz uma série de elementos radicalmente novos: a entrada em cena do namorado de Edna que vem fazê-lo compreender que o seu lugar não é ali e que vivera uma ilusão

Manuel Cintra Ferreira

**One Week** é a primeira obra que Keaton considera verdadeiramente pessoal e, quanto a nós, um dos seus trabalhos mais admiráveis, mesmo quando comparado com as longas-metragens futuras. **One Week** é um filme que, pela sua simultânea simplicidade e complexidade, introduz toda uma nova respiração no burlesco americano, assentando numa base narrativa extremamente eficaz: Keaton recebe de presente de casamento uma casa pré-fabricada, que deveria construir segundo a ordem indicada nas caixas, não fosse o seu rival trocar a ordem das mesmas. É nesta base simples, mas genial que assentará todo o filme, que nos devolve desde logo uma casa ameaçada pelos mais estranhos e inauditos perigos como um ciclone que a faz girar sobre si própria como um carrossel infernal ou um comboio que a reduzirá a um monte de escombros, revelando toda a potência da desordem no mundo keatoniano.

Joana Ascensão

Harold Lloyd é hoje um ilustre desconhecido para grande parte do público, mas nos anos vinte do século passado fazia parte do “Olimpo” da comédia burlesca, ao lado de Chaplin, Buster Keaton ou Harry Langdon, também este, atualmente, um distinto desconhecido. Lloyd estreou-se cedo no cinema em 1913, ainda antes de Chaplin (1914) e cinco anos antes de Keaton (1917). Fixou-se pela primeira vez na película como figurante em *The Old Monk’s Tale* (1913), na pele dum índio Yaqui. Bastaram dois anos para se destacar no universo das “two reels” (designação corrente à época para as curtas-metragens de duas bobinas) com o personagem do «Lonesome Luke», conhecido em Portugal como o “Liró”. Em 1917, nasce o jovem otimista de óculos redondos e chapéu de palhinha que ficou conhecido entre nós exatamente por “o Palhinhas”. É este “Palhinhas” que, na década de vinte, transita para as longas metragens, tal como aconteceu com o vagabundo de Chaplin ou o “Pamplinas” de Keaton. Embora não conste nos créditos, Lloyd para além de ator teve sempre participação criativa no argumento e direção dos “seus” filmes. Dizemos “seus” porque cedo se afirma como produtor independente e homem de negócios arguto, o que lhe permitiu continuar a explorá-los após um afastamento prematuro, no final da década de trinta, com a chegada dos “talkies”, os filmes sonoros. Em 1953, a Academia atribui-lhe um Oscar honorário pelo conjunto da carreira, reconhecendo o mérito do seu trabalho e trazendo-o novamente à memória dos espectadores. Nos anos sessenta é Lloyd que se resgata ao esquecimento com o lançamento de dois filmes-compilação - *Harold Lloyd’s Word of Comedy* (1962) e *Funny Side of Life* (1963) -, um “pot-pourri” dos momentos mais brilhantes dos seus filmes. É sobretudo neste formato “medley” de “gags” que ainda sobrevive na memória de alguns, situação para a qual Lloyd contribuiu com o excesso de proteção que impôs à sua obra, não permitindo, por exemplo, a exibição dos seus filmes na televisão. Para contrariar este imerecido desconhecimento de títulos que devem ser vistos por inteiro, **I Do** é já o quinto filme de Harold Lloyd que a Cinemateca Júnior mostra, depois de *Safety Last* (1923), o filme com a mítica cena de Lloyd pendurado no relógio dum arranha céus, *The Freshman* (1925), *Speedy* (1928) e *Girl Shy* (1924).

Carla Simões